

Edigar de Alencar

José Bonifácio Câmara

No dia 24 de abril do corrente ano de 1993 o Ceará perdeu uma das suas figuras mais expressivas no mundo das letras, nosso companheiro Edigar de Alencar.

Nascido em Fortaleza aos 6 de novembro de 1901, filho de João de Alencar Araripe e de Antônia de Faria Ramos, Edigar viveu intensamente os 25 anos em que residiu na sua cidade-natal e que tanto amou.

Sua mãe pertencia a uma família de artistas, irmã que era do poeta e pintor R. Ramos, conhecido como Ramos Cotoco, e dela recebeu uma forte influência. Bem moço já freqüentava os grêmios artísticos e literários e desde logo passou a colaborar na imprensa.

Em 1925 lançou a revista *Fanfarra*, que lhe deu fama. Era uma revista literária diferente das então existentes, não só pelo texto de tendências modernistas como pela apresentação, que ainda hoje causa admiração aos que têm oportunidade de manuseá-la, levando-se em conta os precários recursos gráficos da época.

Edigar, que aparecia no expediente como redator-chefe, era na verdade o faz-tudo de *Fanfarra*: editorialista, cronista literário, cronista social, por sinal que pioneiro no Ceará desse gênero hoje tão difundido na Imprensa brasileira, e ainda assíduo freqüentador da página de poesias.

Circularam sete números dessa original revista, o último dos quais no dia 20 de junho de 1925. Qualquer um deles constitui hoje uma raridade. Edigar dizia sempre que só conhecia dela duas coleções completas: a primeira, que esteve sempre em seu poder, ela ofereceu anos atrás ao poeta e ensaísta Sânzio de Azevedo, e a segunda, pertencente ao falecido colecionador Laudomiro Souza Pereira, hoje integrando a minha biblioteca.

Em 1926, com 25 anos de idade, procurando um campo mais vasto para expandir o seu talento e seguindo a predestinação da sua raça, embarcou para o Rio de Janeiro. Nunca mais regressou ao Ceará, a não ser a passeio ou para cumprir compromissos de ordem cultural. Daí em diante o meu coração se dividiu entre dois amores: a terra de Iracema e a Cidade Maravilhosa.

Com inteligência e garra, logo começou a construir a sua obra,

a princípio no campo da Poesia: Carnaúba, Rio, Almanaque Laemmert, 1932, publicado há 61 anos ; Mocaroró, poesia cômica, Rio, Pongetti, 1942, e Galé Figido, Rio, Pongetti, 1957.

O seu valor foi logo reconhecido, com apreciações lisongei- ras de João Ribeiro, Leôncio Corrêa, Elói Pontes, Elias Mallman, Mozart Firmeza, Sílvio Júlio, Mário Linhares e João Jacques, entre outros. Sobre Carnaúba, o grande João Ribeiro afirmou: “Há poesia de fato em seus versos”. E João Jacques, sobre Mocaroró: “No gênero epigramático, espirituoso, faceto, Edigar de Alencar é o mestre sem alunos”. A imprensa do Rio e de Fortaleza foi farta em elogios.

Mas, além do poeta, começaria a se firmar o nome do pesquisador obstinado e do analista seguro da música popular brasileira. Esta predileção pela música já despontara no Ceará na sua paixão pelas modinhas cantadas nas serenatas da cidade “branca de lu- res”, como disse Paula Ney. No carnaval de 1924, Edigar já fazia sucesso com a marchinha “Maracujá no Pé”, de sua autoria, com música de Silva Novo.

Assim, depois de muitos anos de exaustivo trabalho de pesqui- sa, foi lançado em 1965 *O Carnaval Carioca através da música*, Rio, Livraria Freitas Bastos, em edição comemorativa do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, patrocinada pelo Estado da Guanabara. Seguiram-se a segunda edição, também em 1965, a terceira em 1979, a quarta em 1980 e a quinta em 1985, as três últimas pela Livraria Francisco Alves. É um belo painel do carnaval carioca durante cinquenta anos, no seu período mais brilhante, que vai de 1901 a 1951, com as letras das canções carnavalescas de maior sucesso.

Esse livro, de consulta obrigatória para quem pretenda co- nhecer a história da maior festa popular do Brasil, foi a consa- gração de seu autor. Carlos Drummond de Andrade assim se ma- nifestou: “A musicografia popular ganha um livro fundamental, em que a alma carioca se revê como num espelho”. Luiz da Câma- ra Cascudo afirmou: “Documentário surpreendente, preciso, ressuscitador. Encantado, Edigar. Você tem o segredo, pouco bra- sileiro, da síntese, clareza, comunicação essencial suficiente e linda”. José Américo de Almeida, aplaudindo: “Que grande coisa! Que prodígio de pesquisa e medida de escolha, de um material que teria de exprimir também as transformações históricas”. E Laís Corrêa de Araújo, no suplemento literário de Minas Gerais: “O Carnaval Carioca através da Música, de Edigar de Alencar, o mais completo levantamento que já se fez no país sobre o assun- to”. E os dois maiores especialistas no ramo proclamam; Almi- rante, “Não há dúvida que nestes últimos anos ganhou extraordi- nária importância. O Carnaval Carioca através da Música é obra

oportuna que vem, na verdade, preencher sensível lacuna”. E Jota Efége: “Livro minucioso, honesto, elaborado com o afã de quem quis realizar obra perfeita”.

Pela ordem de publicação, segue-se um dos mais belos livros de Edigar de Alencar e que mais sensibiliza a nós, seus conterrâneos: A Modinha Cearense, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1967. Com primorosa apresentação gráfica, nele são transcritas as letras das mais lindas modinhas de nossa terra, como “A Pequenina Cruz do teu Rosário”, de Fernando Weyne, e “Comunhão da Serra”, de Quintino Cunha, ao lado das respectivas partituras, num trabalho de Gilberto Petronillo, o mais famoso copista de música do Ceará. Numa demonstração de quanto tudo aquilo significava para ele, o livro tem esta expressiva dedicatória: “A memória de Nenê Ramos, minha mãe, que me ensinou a ler, sofrer e cantar”.

Segue-se Nosso Sinhô do Samba, Rio, Editora Civilização Brasileira, 1968, com uma segunda edição, Rio, Funarte, 1981, biografia do grande compositor brasileiro J. B. da Silva, o famoso Sinhô, com apresentação de Sérgio Forte, o conhecido Stanislaw Ponte Preta. Em seguida, vem Flamengo, força e alegria do povo, Rio, Editora Conquista, 1970, história do mais popular clube de futebol do Brasil, não fosse ele, Edigar, flamenguista fanático.

Volta à poesia com Poesia quase perdida, Rio, Artenova, 1973.

Retorna à música popular com o Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha, Rio, Editora Cátedra, 1979, biografia do autor de “Carinhoso”.

Vem depois, na sua vasta biografia, o seu livro de memórias, Fortaleza de ontem e anteontem, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1980. Sânzio de Azevedo, ao apreciar a obra de Edigar, diz que esse livro “reúne belíssimas páginas de reminiscências através das quais revive o autor, pela magia do verbo, o passado de nossa cidade, fazendo desfilar cenas de velhos carnavais, os cinemas de antanho, o mundo do teatro amador, os grêmios literários, jornais, revistas, e até lojas do seu tempo, bem como as bodegas principais do centro da cidade”.

Seu cânto de amor a esta bela cidade de São Sebastião vem com Esse Rio Querido, Rio, Francisco Alves/INL, 1982, com apresentação de Pedro Nava. O imenso e pranteado memorialista de Baú de Ossos assim se expressa: “Edigar de Alencar, cearense – ensaísta, poeta, jornalista, cronista, com dez livros publicados e republicados por várias edições, não podia escapar ao sortilégio do Rio e de deixar-se levar pela sua essência até transformar-se num carioca amador tão entranhado que esta naturalidade já está legitimada com o título que lhe foi conferido de cidadão honorário do Rio de Janeiro”.

Segue-se Claridade e Sombra na música do povo, Rio, Editora Francisco Alves/INL, 1984, que reúne 39 crônicas já anteriormente publicadas na imprensa sobre música popular e que tem a apresentação de Fernando Py.

No mesmo ano Edigar de Alencar enfeixa 102 trovas em Cantigas de Enleio e desencanto, Rio, Color-Set, 1984. Seu autor já cultivava a trova, há muito tempo. Em Mocaroró já aparecia esta pérola: “Que asseio teria o Piza/ que limpeza / que tetéia! / Se mudasse de camisa / Sempre que muda de idéia”. Em Poesia quase perdida já figurava “uma das mais interessantes trovas, tendo como tema a própria troca”, como assinala Sânzio: “Ao contrário da donzela / que o povo xinga, iracundo, / a trova é mais pura e bela / se cai na boca do mundo”. E muitas ficaram de fora dos livros publicados. Quando me ofereceu um exemplar de Cantigas de Eulejo e Desencanto, Edigar escreveu do próprio punho: “Aqui não está incluída uma das trovas de minha predileção: Na minha vida incolor / teu sorriso de alvorada / parece um despertador / vibrando na madrugada”.

O Ceará teve a honra de publicar o seu derradeiro livro, Variações em tom menor, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1984, onde reúne estudos de literatura cearense, em que focaliza com elevado senso crítico figuras das nossas letras, como Antônio Sales, Dolor Barreira, Mário da Silveira, José Carvalho, Herman Lima, Quintino Cunha e Braga Montenegro, sobre outros.

Uma palavra, por último, sobre o jornalista que ele foi durante toda a vida. Só no jornal O Dia, do Rio de Janeiro, escreveu mais de mil crônicas dominicais e mais de 3.000 notas de crítica de livros, rádio e teatro. Foi também colaborador assíduo do jornal O POVO, de Fortaleza. O seu desaparecimento causou grande pesar para nós, seus companheiros da Acclarj. Todos nos lembramos do almoço que oferecemos a Edigar no Leme Palace Hotel, quando completou 90 anos. Ainda está na nossa memória a sua alegria e vigor intelectual ao agradecer a homenagem, exaltando a sua cearensidade e terminando por recitar o seu delicioso poema A Minha Canção do Exílio”.

Na hora da despedida o Ceará tem correspondido a esse amor desmedido, através de manifestações as mais expressivas da sua inteligência. Eduardo Campos, em artigo para o Diário do Nordeste, traça um retrato fiel e carinhoso de Edigar: “Sabia vestir-se. Tocava a frase com bastante propriedade. Galanteador, estava sempre em estado de graça entre senhoras, ainda que não fosse assim consideradas. Explico mais – conclui Eduardo Campos –: não deixava carta nem remessa de livro publicado, sem uma palavra de estímulo. A tanto, por sofrer de cearensismo, estado de espírito insofreado nas pessoas de boa formação, qual ele”.

Moreira Campos assim se manifestou: "Era ele o mais autêntico, o mais legítimo cearense que conheci".

E Sânzio de Azevedo, em artigo de meia-página no O POVO assim conclui: "Nascido em Fortaleza em 6 de novembro de 1901, morreu Edigar antes de completar 92 anos de idade. Com seu falecimento perdem as letras do Ceará um dos seus mais autênticos cultores".

E, por último, a Secretaria de Cultura do Estado está pedindo a autorização da família de Edigar para reeditar A Modinha Cearense.

Pelo seu trabalho, pelo seu valor, pelo seu amor à terra natal, ele será sempre lembrado.

Rio, 2-6-1993.